

ARQUITETURA DOMÉSTICA E USO DOS ESPAÇOS: O EXEMPLO DA VILA DE TRABALHADORES DE AKHETATON

Liliane Cristina Coelho⁴⁷

RESUMO

Não é correto afirmar que toda cidade egípcia surgiu em função de um templo, mas a importância de um deus local é facilmente perceptível pela presença de pelo menos um local de adoração em cada assentamento urbano. Conforme podemos inferir do estudo das Estelas de Fronteira de Akhetaton, uma cidade erigida na região conhecida atualmente como el-Amarna, dentre as primeiras construções levadas a cabo na Cidade Central estão os dois templos dedicados ao Aton, o deus que se tornou a principal divindade egípcia durante o reinado de Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.). Partindo deste caso específico, discutiremos, nesta comunicação, a estreita relação existente entre o indivíduo e sua cidade e, conseqüentemente, com o deus associado à localidade.

Palavras-chave: Cidade Egípcia; Indivíduo; Sociedade; Localidade.

Introdução

No ano 5 de seu reinado Amenhotep IV/ Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.)⁴⁸ ordenou a construção de uma nova cidade – Akhetaton, conhecida atualmente como Tell el-

⁴⁷ Mestre e doutoranda em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação do professor doutor Ciro Flamarion Cardoso. Atualmente desenvolve a pesquisa “Mudanças e Permanências no Uso do Espaço: a cidade de Tell el-Amarna e a questão do urbanismo no Egito antigo”, com auxílio do CNPq. Professora do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval das Faculdades Itecne, Curitiba – PR. E-mail: lilianemeryt@hotmail.com

⁴⁸ As datas seguem a cronologia proposta por BAINES, J. & MÁLEK, J. *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*. Madri: Ediciones del Prado, 1996. v.1. p.36.

Amarna ou simplesmente Amarna⁴⁹ – que seria o principal centro de culto ao seu deus, o Aton. Para delimitar o local foram erigidas estelas de fronteira, que informam as primeiras edificações a serem levantadas, bem como a localização das tumbas reais, num *wadi* distante alguns quilômetros da Cidade Central⁵⁰. Próxima a este sítio está uma vila murada, na entrada do deserto, que foi tomada como o local de habitação dos trabalhadores responsáveis pela construção não apenas do sepulcro régio, mas também daqueles dedicados aos principais funcionários reais, localizados ao norte e ao sul do primeiro.

O sítio de Akhetaton é conhecido desde o início do século XVIII. A primeira referência moderna à cidade é encontrada na obra do jesuíta francês Claude Sicard, que visitou o Egito em 1714, e o primeiro mapa detalhado do assentamento urbano foi publicado por Napoleão Bonaparte na “Description de l’Égypte”, obra que resultou de sua expedição ao país iniciada em 1798. Entre os primeiros egiptólogos a visitarem o sítio estão John Gardner Wilkinson, James Burton, Jean-François Champollion, Robert Hay, Nestor l’Hôte e Karl Richard Lepsius (PEET & WOOLLEY, 1923, p. v).

O interesse por estudar e entender o sítio por meio da Arqueologia, porém, teve início no final do século XIX. A primeira área escavada foi a correspondente às tumbas construídas para o rei e sua família e àquelas construídas para os nobres da cidade. Esta

⁴⁹ Thomas Eric Peet e Charles Leonard Woolley (1923, p. v) argumentam que a primeira denominação é uma corruptela. Segundo os autores, a antiga Akhetaton fica no distrito conhecido pelos nativos como el-Amarna, cujas cidades principais na margem oriental do Nilo são, a partir do norte: et-Til, el-Hag Kandil, el-Amariya e el-Hawata. Por uma questão de distinção, os moradores do distrito costumam referir-se às cidades com seu nome seguido por aquele do distrito. Et-Til do distrito de el-Amarna, assim, se transforma em Til el-Amarna. Quando os primeiros visitantes europeus chegaram ao local e perguntaram o nome daquela localidade, os habitantes disseram ser Til el-Amarna, o que foi tomado erroneamente como Tell el-Amarna (*tell* aqui significando *morro*). O nome, então, passou a ser utilizado para designar a cidade de Akhetaton e seus subúrbios. Porém, como apenas uma pequena parte da antiga cidade fica próxima a et-Til, seria melhor usar para designá-la, segundo Peet e Woolley, o termo mais geral, ou seja, el-Amarna.

⁵⁰ Uma tradução para a língua portuguesa de tais estelas está sendo elaborada pela autora como parte de sua pesquisa de doutorado. Para tal, está sendo utilizada a edição hieroglífica presente em: MURNANE, William J. & VAN SICLEN III, C. C. *The Boundary Stelae of Akhenaten*. London: Kegan Paul International, 1993.

teve início em 1883, sob a direção de Gaston Maspero, e a publicação dos resultados, em seis volumes publicados pela Egypt Exploration Society, começou em 1892 sob a responsabilidade de Norman de Garis Davies. As escavações na cidade principal começaram na temporada de 1891-92, sob a direção de William Matthew Flinders Petrie, após a descoberta, em 1887, de um grupo de cartas por uma camponesa que vasculhava as ruínas da cidade em busca de materiais que pudessem ser utilizados como fertilizantes no campo (*sebak*, em árabe). Os locais explorados pelo arqueólogo foram o templo dedicado ao Aton, o Palácio Real e algumas casas privadas (PEET & WOOLLEY, 1923, p. v). Os resultados desta primeira temporada foram publicados na obra intitulada “Tell el-Amarna” (PETRIE, 1893).

Já as escavações na área da vila murada foram levadas a cabo inicialmente por uma equipe germânica, em 1907, mas os trabalhos começaram fora dos muros e as primeiras estruturas localizadas foram algumas tumbas-poço, o que levou a uma identificação errônea da vila, que aparece nas plantas da época denominada como um cemitério. Poucos golpes com a enxada, porém, mostraram que o sítio assim denominado era na realidade uma vila murada, cujas casas e objetos de uso cotidiano não haviam sido atacados por cupins tal como ocorrera na cidade principal e por tal razão encontravam-se muito bem preservados (PEET, 1921, p. 175).

Tendo em vista esta melhor conservação dos vestígios arqueológicos, é possível então, por meio da arquitetura doméstica e dos artefatos conservados em cada cômodo das residências, inferir o uso dado a cada um desses espaços, sendo este nosso objetivo neste artigo. Para atingi-lo partiremos de uma das definições de entorno expostas por Amos Rapoport, que considera como tal uma “entidade formada por elementos fixos, semifixos e não-fixos” (RAPOPORT, 2003, p. 44). Antes, então, de partirmos para a descrição e análise das estruturas que formam a chamada Vila dos Trabalhadores, discutiremos os conceitos propostos por Rapoport e sua aplicabilidade para o estudo do uso dos espaços em uma cidade egípcia antiga.

O Significado do Ambiente Construído⁵¹

A forma de uma construção, os materiais utilizados, os objetos que estão presentes em cada ambiente e ainda como nos movimentamos dentro de uma estrutura expressam diferentes significados, que estão relacionados diretamente à cultura na qual estamos inseridos. Métodos não-verbais, tal como o proposto por Amos Rapoport (1990), podem ser utilizados para a interpretação desses significados. Tal discussão pode começar levando em consideração elementos fixos, semifixos e informais, ou não-fixos, tal como proposto anteriormente por Hall (1966; citado por RAPOPORT, 1990, p. 87). Uma definição de cada um desses elementos é importante para uma melhor compreensão do tema aqui discutido.

Os elementos de características fixas são aqueles fixos ou que mudam raramente e lentamente. São exemplos: estruturas, como muros e paredes, e as ruas de uma cidade. A organização espacial, o tamanho, a localização, a sequência, o arranjo, entre outras características, podem expressar significado, principalmente em culturas tradicionais (RAPOPORT, 1990, p. 88). Estes, porém, devem ser complementados por outros dados.

Os elementos de características semifixas mudam mais rápida e facilmente. São exemplos o mobiliário, tanto doméstico quanto urbano. Tais elementos tornam-se particularmente importantes em seu próprio contexto, pois tendem a comunicar mais que os elementos fixos (RAPOPORT, 1990, p. 89).

Os elementos de características semifixas foram utilizados para comunicar significados desde tempos remotos. Casas e templos, por exemplo, podem ser semelhantes em planta e materiais de construção, sendo diferenciados pelo mobiliário, pelo uso dos espaços, pelos frequentadores, e pelos artefatos associados aos ambientes

⁵¹ Este subtítulo foi tomado de empréstimo da obra de Amos Rapoport: RAPOPORT, Amos. *The meaning of the built environment. A nonverbal communication approach*. Tucson: The University of Arizona Press, 1990 [1982].

(RAPOPORT, 1990, p. 90). Sendo assim, o conhecimento do contexto e da cultura que construiu as edificações é fundamental para a atribuição de significados.

É possível inferir comportamentos a partir dos elementos de características fixas e semifixas, tal como pretendemos neste artigo, mas isto é bastante problemático em função de dois motivos que não estão diretamente relacionados entre si. Um deles é a forma como as residências foram desocupadas. Quando o abandono de uma cidade se deu por uma calamidade, como é o caso de Pompéia, os elementos semifixos geralmente se encontram em seu local de utilização, sendo mais precisa a atribuição de usos aos espaços e, conseqüentemente, de comportamentos associados a ele. Já no caso aqui abordado, a Vila dos Trabalhadores de el-Amarna, o abandono se deu gradualmente e por essa razão os artefatos muitas vezes não se encontram em seu local de uso original e alguns, considerados mais importantes pelos proprietários ou de maior valor, podem ter sido levados quando da desocupação da casa. O outro motivo é que a interpretação que fazemos das informações que temos em mãos pode ser totalmente influenciada por conceitos modernos e baseados em dicotomias, tais como público/ privado, sagrado/ profano – que são importantes para analisar comportamentos, mas que não são estáticos. Também está baseada, muitas vezes, em observações realizadas em populações que habitam na contemporaneidade os locais que eram ocupados por culturas antigas. Assim, é preciso muito cuidado ao se atribuir significados a ambientes para a antiguidade, pois nossa vivência cotidiana pode influenciar a visão que temos sobre o passado.

Por último, os elementos de características não-fixas referem-se aos ocupantes humanos de um espaço ou habitantes de um local, suas posturas, gestos, falas, comportamentos não-verbais, etc. (RAPOPORT, 1990, p. 96). Para a antiguidade não há como levantar seus significados, pois apenas podemos inferir quem ocupou os espaços e que tipo de atividades realizava, tomando cuidado para não tomar objetos como exclusivos do universo masculino ou feminino. Assim como no caso dos elementos de características fixas e semifixas, é possível inferir comportamentos a partir de elementos

de características não-fixas, mas apenas quando nos referimos a sociedades contemporâneas, já que tais elementos precisam estar presentes para serem analisados. Uma recriação dos espaços, no entanto, pode ser útil neste caso.

Entre os anos de 1921 e 1922 os arqueólogos Charles Leonard Woolley e Thomas Eric Peet coordenaram uma temporada de escavações que levou à (re)descoberta da Vila dos Trabalhadores de el-Amarna. Uma equipe anterior já havia pesquisado o sítio, mas o designou como um cemitério, conforme comentado anteriormente. Partindo de comparações com outra “vila operária”⁵² já escavada, Lahun, os arqueólogos tentaram inferir uma função para a vila e usos a cada um dos ambientes das casas recém descobertas e para isso utilizaram-se de reconstituições que se baseavam nos achados feitos nos locais (PEET & WOOLLEY, 1923). Eles não partiram de dicotomias, como público e privado, mas tentaram colocar nos ambientes os elementos não-fixos, com o intuito de mostrar que a atividade inferida poderia ser realizada no espaço previsto e como as pessoas se movimentavam nos cômodos reconstituídos. Isso é bastante interessante, pois ajuda a visualizar o uso dos espaços, conforme mostra a figura 1.

⁵² O uso das aspas aqui indica que esta não é uma designação correta para este tipo de assentamento, mas que foi utilizada durante muitos anos pelos pesquisadores da cidade no Egito antigo.



Figura 1 – Reconstituição de um dos ambientes de uma casa da Vila dos Trabalhadores. Referência: PEET, T. E. & WOOLLEY, C. L. *The City of Akhenaten I. Excavations of 1921-22 at el-Amarnah*. London: The Egypt Exploration Society, 1923. PL. XVII.

Na reconstituição, além de elementos fixos, como as paredes, é possível notar a presença de elementos semifixos, como um grande vaso para armazenamento. Uma pessoa – elemento não-fixo – aparece sentada sobre uma elevação em formato de L que é designada pelos autores como uma espécie de divã. Ao se tratar do ambiente nomeado *mandarah* por Woolley, a simulação pode representar uma refeição, já que há um pequeno recipiente utilizado na alimentação ao lado da pessoa. Outros usos também podem ser inferidos, como o uso do divã como uma cama, à noite, para o descanso dos moradores.

Em Arqueologia, os elementos de características fixas e semifixas podem ser utilizados para inferir população, estrutura social, uso de áreas, organização política, etc. (RAPOPORT, 1990, p. 141). Partindo deste pressuposto e do que até agora foi exposto, passaremos a uma descrição da Vila dos Trabalhadores, que nos auxiliará na obtenção de

resposta para as seguintes questões: como os ambientes eram utilizados? Por quem? Com qual finalidade?

A Vila dos Trabalhadores

O complexo que forma a chamada Vila dos Trabalhadores é composto não apenas pela vila murada, objeto principal deste artigo, mas também por outras estruturas que se localizam em seu entorno e que devem ser tomadas em conjunto para um melhor entendimento do cotidiano de seus habitantes (RAPOPORT, 2003, p. 36). Dentre estas estruturas estão uma série de caminhos, alguns dos quais ligam a vila à cidade principal e às tumbas, e outros que serviam para o patrulhamento da região; um sítio denominado X1 que, por sua posição privilegiada, provavelmente fosse um local que abrigasse a pessoa encarregada de inspecionar a entrada e a saída dos moradores da vila; duas áreas, o Sítio X2 e a Área-*zir*, que estavam relacionadas ao abastecimento de água à população da vila; um grupo de capelas de tumbas, que continham também espaços para pequenas hortas e criação de animais e que seriam, segundo Kemp (1987, p. 36), locais mais saudáveis para o convívio familiar, já que os espaços abertos na Vila eram bastante escassos; e um cemitério, nunca escavado, mas que pode ser reconhecido por meio de fotografias aéreas.

A vila murada fica na convergência de vários caminhos e a meia distância tanto das Tumbas do Norte quanto das Tumbas do Sul, o que determina, segundo Woolley (1922, p. 48), a sua função: abrigar os trabalhadores responsáveis pela construção e decoração das tumbas de el-Amarna. A vila é perfeitamente quadrada, cercada por muros em todos os seus lados, conforme pode ser visto na figura 2. Quando tiveram início as escavações, em 1921, este muro tinha 80 cm de espessura e chegava a um metro de altura em algumas partes (PEET, 1921, p. 175). Internamente, a vila é dividida em ruas que correm de norte a sul em intervalos iguais e, com exceção de uma casa, provavelmente pertencente a um chefe de equipe, todas as casas são iguais em tamanho e similares em suas características

e acomodações. Isto mostra, segundo Woolley (1922, p. 49), que há um planejamento urbano, na sua forma mais radical⁵³, na vila.

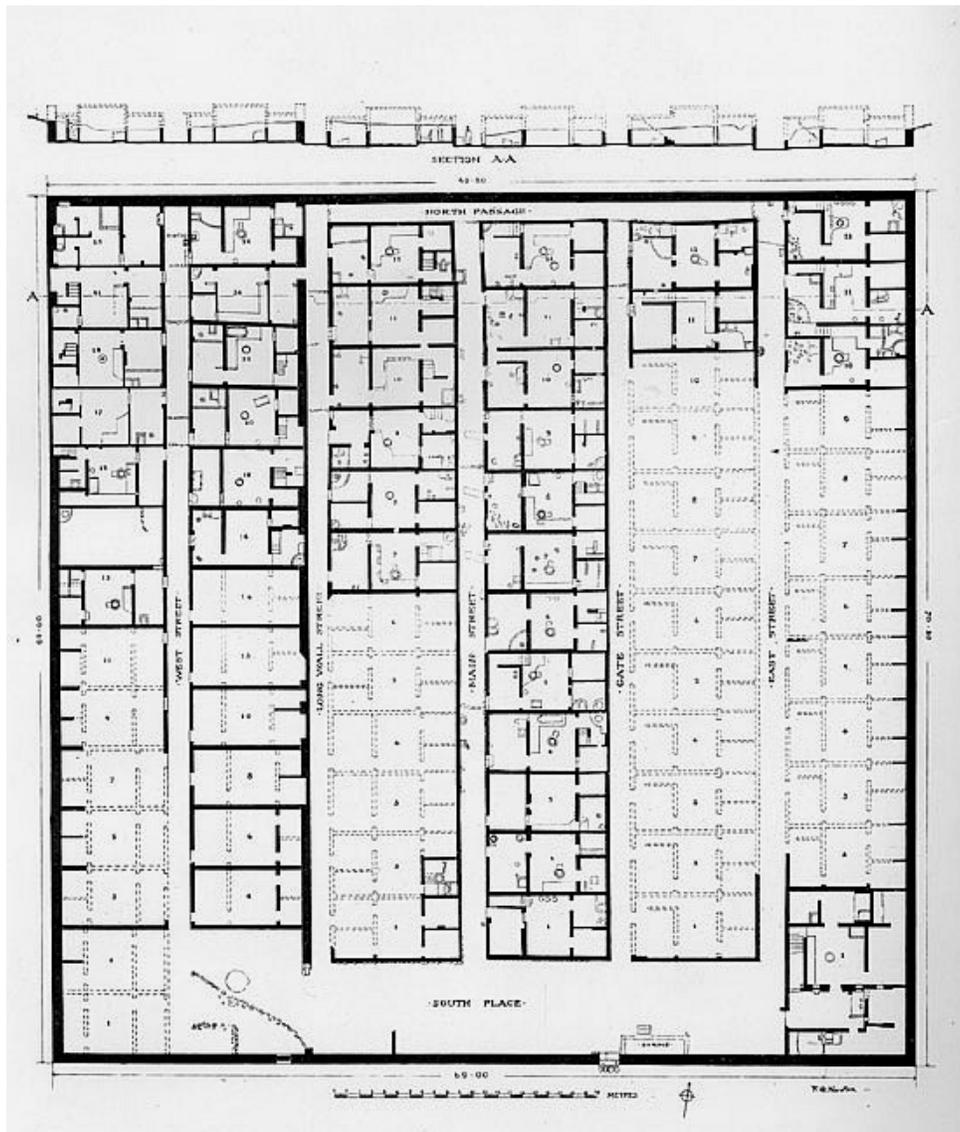


Figura 2 – A vila murada. Referência: PEET, T. E. & WOOLLEY, C. L. *The City of Akhenaten I. Excavations of 1921-22 at el-Amarnah*. London: The Egypt Exploration Society, 1923. PL. XVI.

⁵³ A “forma mais radical de um planejamento urbano” apontada por Woolley refere-se a um assentamento de formato quadrangular, cercado por muros, tendo em seu interior ruas retas e casas com plantas semelhantes.

Assim como Lahun, uma cidade de pirâmide construída na região do Fayum por ordem do faraó Senusret II (c. 1897-1878 a.C.) para abrigar os construtores de sua pirâmide e os responsáveis pelo seu culto funerário cerca de 500 anos antes da construção de Akhetaton, a vila é dividida internamente, por um muro, em duas partes. A parte maior, a leste do muro interno, tem quatro conjuntos de casas e quatro ruas. A parte oeste, menor, tem dois conjuntos de casas e apenas uma rua. Cada uma das partes tem um portão, situado no muro sul. A parte oeste é mais nova que a parte leste, o que não quer dizer que há uma diferença na datação, mas que as casas foram construídas posteriormente (WOOLLEY, 1922, p. 50). Todas as casas de uma rua são abertas para a mesma, e o outro lado, que dá para a rua dos fundos, é completamente fechado, sendo as casas desta rua abertas para ela. No caso do lado oeste, todas as casas são abertas para a única rua. Segundo Woolley (1922, p. 51) a parte oeste da vila foi a primeira a ser desocupada. O portão foi então fechado com tijolos e a área aberta entre o muro e a casa mais ao sul foi transformada em um local para a criação de animais.

As casas têm cinco metros de frente e dez de profundidade. Cada uma tem quatro ambientes e muitos habitantes construíram, em frente às suas casas, extensões da mesma. Havia, por exemplo, coberturas, grandes jarros para armazenamento de água e até mesmo comedores e lugares para a criação de animais construídos na rua, o que indica que havia, na vila, alguma noção de espaço privado (WOOLLEY, 1922, p. 51). Ao lado do portão principal, no interior dos muros, havia um santuário com uma pequena escada em frente.

Dentre os ambientes das casas, que eram inicialmente semelhantes em sua distribuição espacial mas sofreram mudanças ao longo do tempo de ocupação, o primeiro é um hall de entrada, o segundo uma sala que Woolley denomina *mandarah*⁵⁴, e os outros dois, menores, correspondem a um quarto e uma cozinha ou escada, ou os dois

⁵⁴ *Mandarah* é o termo árabe utilizado para designar uma sala para a recepção de convidados encontrada em algumas casas egípcias.

combinados. Segundo Woolley (1922, p. 52) a casa era inadequada, pois o arquiteto⁵⁵ não havia planejado uma escada e, para construí-la, os moradores perdiam um espaço de outro ambiente. A disposição dos ambientes, porém, apresenta poucas alterações, quando comparadas todas as casas.

A escada levava ao telhado. Devido à espessura das paredes, no entanto, Woolley considera que as casas deveriam ter um único pavimento. É provável que houvesse, porém, uma estrutura leve, de madeira e fibras, que servia para proteger do sol as mulheres que ali realizavam algum tipo de atividade. Poucas casas apresentam pistas da existência de um cômodo fechado, construído com tijolos ou com fibras e argila, no telhado. Um exemplo foi dado por escavações mais recentes, realizadas pela equipe chefiada pelo arqueólogo Barry J. Kemp, da Universidade de Cambridge, na década de 1980. Estas revelaram, quando a pesquisa se voltou para a casa 8 da Rua do Portão, que acima dos fragmentos de telhado havia pedaços de um forno, o que comprovou que neste caso havia um ambiente superior fechado que era utilizado como cozinha (KEMP, 1987, p. 26). De qualquer maneira, o uso deste “andar superior” é comprovado por meio de artefatos, como vasos, agulhas e brinquedos, encontrados misturados ou sobre os fragmentos do telhado (WOOLLEY, 1922, p. 52).

As casas foram construídas com tijolos de adobe⁵⁶, com o uso ocasional de pedaços de pedra nas fundações e partes mais baixas. O piso da entrada da casa é de pedra, mas não há paredes construídas com este material. Não há sinais de janelas nas residências. Elas deveriam existir, porém, no hall de entrada, muito próximas ao telhado

⁵⁵ Na escrita egípcia antiga há títulos associados ao “Arquiteto Real”, que seria o responsável pelo planejamento das construções régias. Kha, cuja tumba foi localizada na Necrópole Ocidental de Deir el-Medina, possuía dois títulos que o relacionam diretamente à organização dos trabalhos de construção das tumbas no Vale dos Reis: *pet me set-aat*, ou chefe do lugar, e *nes-kat me set-aat*, ou chefe dos trabalhos do Grande Lugar. Ambos podem ser traduzidos também como “arquiteto”. Referência: VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. *Deux tombes de Deir el-Médineh*. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939. p. 9-10.

⁵⁶ O adobe consiste em uma mistura de argila com palha. Os tijolos feitos com tal material são simplesmente secos ao sol.

(WOOLLEY, 1922, p. 53). Durante as escavações realizadas em 1921 foram encontrados na vila fragmentos de um telhado quase completo que mostraram como era tal estrutura, conforme pode ser visto na figura 3. A descrição feita por Peet (1921, p. 176) mostra que as vigas eram formadas por troncos de madeira quase redondos colocados de parede a parede. Estas eram posteriormente cobertas com galhos ou juncos, que eram colocados em ângulo reto em relação às primeiras. Em seguida vinha uma camada feita com fibras, provenientes da planta-*halfa*, do junco-*fersi* ou de tamareiras, que era coberta por uma camada de lama com 5 a 15 cm de espessura. A espessura do telhado, segundo Woolley (1922, p. 53) variava entre 10 e 25 cm. Tomando como base as casas grandes da Cidade Principal, Peet (1921, p. 177) afirma que ambientes grandes, como o hall central ou a *loggia*, necessitavam das colunas de madeira com base de pedra localizadas no centro dos mesmos para que pudessem ser melhor cobertos, tendo em vista o tamanho das vigas utilizadas para este fim.



Figura 3 – Os fragmentos do telhado encontrados por Peet em 1921. Referência: PEET, T. E. Excavations at Tell el-Amarna: A Preliminary Report. *The Journal of Egyptian Archaeology*, London: The Egypt Exploration Society, v. 7, n. 3/4. p. 169-185, oct. 1921. PL. XXVII.

A sala da frente, ou *hall* de entrada, era essencialmente um cômodo multifuncional. Em algumas casas, nesse ambiente, foram encontrados locais próprios para a alimentação e criação de animais, alguns domésticos. Também havia, em alguns deles, uma escada (WOOLLEY, 1922, p. 55). Em alguns casos esta sala poderia ser também uma oficina⁵⁷. Em algumas casas foram localizados o que podem ser teares, mostrando que a tecelagem era uma das atividades desenvolvidas neste ambiente. Havia também fornos, provavelmente não utilizados para cozimento de alimentos, já que não foram localizados em seu interior restos provenientes de alimentação, e objetos relacionados ao trabalho nas tumbas neste cômodo.

Enquanto não há um padrão para a sala da frente, a *mandarah* é bastante padronizada. Para Woolley (1922, p. 56), este era um local para as refeições e para receber os amigos. Suas paredes eram decoradas com pinturas e um ou dois lados eram ocupados por um banco ou divã. O mobiliário da *mandarah* era formado essencialmente por bancos e mesas. Os bancos encontrados raramente são de madeira e com quatro pernas; mais comumente são de pedra e com três pernas, tal como era mais frequente nas casas mais simples. As mesas são de pedra, com a superfície levemente polida, como os modelos mostrados na figura 4. À noite o cômodo era iluminado por lamparinas e os divãs se transformavam em camas para os moradores que não dormiam no quarto.

⁵⁷ O termo “oficina” aqui não é utilizado em seu sentido comum, de um espaço de trabalho especializado que reúne diversas pessoas desenvolvendo a mesma atividade. Nos referimos apenas a um ambiente utilizado, em determinadas horas do dia, como um local de trabalho, mas que tinha outros usos em horários distintos.

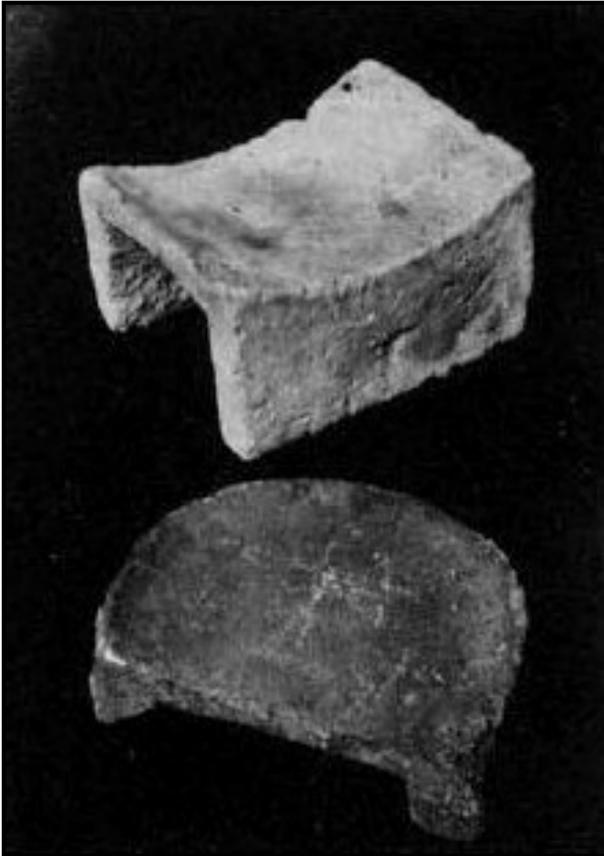


Figura 4 – Mobiliário de pedra encontrado durante as escavações na vila. Referência: PEET, T. E. & WOOLLEY, C. L. *The City of Akhenaten I. Excavations of 1921-22 at el-Amarnah*. London: The Egypt Exploration Society, 1923. PL. XIV.

As paredes decoradas, frequentes nas casas dos ricos, são menos comuns nas casas da vila. Segundo Woolley (1922, p. 54), porém, tais pinturas não foram encontradas por conta da conservação do sítio, pois as capelas ao redor da vila eram decoradas. Em algumas casas, na *mandarah*, foram encontrados fragmentos de pinturas que mostram, por exemplo, imagens do deus Bes, que aparece também na forma de amuletos, revelando a religiosidade dos habitantes da vila. Há também referências a outros deuses, como a Tuéris, que aparece em amuletos, e a Háthor, presente em um vaso e como um elemento decorativo de madeira. Woolley (1922, p. 59) considera, no entanto, que todos os habitantes deveriam ser seguidores do culto ao Aton implementado por Akhenaton, conforme revelam objetos como estelas votivas encontradas na vila.

Resta-nos ainda descrever os dois ambientes menores, situados na parte dos fundos da residência. Um deles era o quarto, caracterizado por uma espécie de plataforma em um dos lados no qual a cama era apoiada. Durante as escavações realizadas em 1921 uma cama foi encontrada sobre esta estrutura em uma das casas, mas, conforme relata Peet (1921, p. 177), a mesma se desfez quando exposta ao ar.

A cozinha é um cômodo facilmente reconhecível pela Arqueologia, pois geralmente há a presença, no ambiente, de cinzas ou de um forno e também de artefatos relacionados à preparação de alimentos (WOOLLEY, 1922, p. 58). Em algumas residências da vila a cozinha dividia espaço com uma escada, que aparece com manchas provocadas pelo carvão, ou mesmo o ambiente todo era ocupado por uma escada, sendo a cozinha transferida para a sala da frente ou para o telhado. O estado de conservação da cozinha da casa 8 da Rua do Portão impressiona. Quando de sua escavação, eram visíveis, conforme mostra a figura 5, a estrutura do forno e as divisões que eram utilizadas para o armazenamento de alimentos. As casas da vila não eram providas de celeiros, tal como acontecia com as casas da cidade principal, e tal fato pode ser explicado, segundo Woolley (1922, p. 59), pela dependência dos habitantes com relação ao Estado, que provavelmente provia a alimentação dos moradores.

Partindo da descrição dos ambientes e dos usos atribuídos por Peet e Woolley, é possível realizar uma análise a partir dos dados disponíveis nos relatórios de escavação, considerando a distribuição espacial dos cômodos de uma casa, sua visibilidade em relação ao exterior, e os principais achados arqueológicos dentro de cada ambiente para, afinal, atribuir significados aos espaços. Para tal análise a distribuição dos elementos semifixos será essencial, e por isso agrupamos os artefatos mais recorrentes em cada ambiente – como teares, mobiliário ou vasos de armazenamento – buscando atribuir a cada espaço seu uso mais provável e seus ocupantes mais frequentes.



Figura 5 – A cozinha da casa 8 da Rua do Portão (Casa 501 em 1921). Acima à direita está bem visível a estrutura do forno. Referência: PEET, T. E. Excavations at Tell el-Amarna: A Preliminary Report. *The Journal of Egyptian Archaeology*, London: The Egypt Exploration Society , v. 7, n. 3/4. p. 169-185, oct. 1921. PL. XXVII.

BUSCANDO SIGNIFICADOS PARA AS CONSTRUÇÕES ANTIGAS

Estabelecer usos para os ambientes implica também estimar o número de habitantes de uma residência, já que são essas as pessoas que ocupam os espaços. Alguns métodos são utilizados para este fim mas, no caso da Vila dos Trabalhadores, apenas um dentre os dois mais difundidos pode ser aplicado: aquele que relaciona número de habitantes à área coberta de uma casa, já que não foram localizados celeiros no interior dos muros. Assim, uma edificação com 50m² de área coberta – a média de uma residência da Vila – abrigaria, em teoria, cinco pessoas.

Considerando, no entanto, que as famílias no Egito antigo eram geralmente nucleares, ou seja, compostas por pai, mãe e filhos solteiros, mas incluíam, algumas vezes, pessoas não pertencentes a este núcleo, como por exemplo a mãe e os irmãos menores do chefe da família após a morte do pai do mesmo, o número de pessoas que habitavam

uma casa poderia variar bastante em um curto período de tempo, como mostra um documento de natureza jurídica proveniente de Lahun (COELHO, 2009, p. 238-240). Os ambientes, como acontecia em Lahun, deveriam ser multifuncionais, ou seja, com exceção da cozinha, os espaços eram utilizados para diferentes atividades nas diversas horas do dia.

Dentro de uma divisão tripartite – considerando os ambientes de uma casa divididos entre públicos, privados e de serviço – a sala da frente, por suas características de visibilidade, deveria ser o espaço mais público da residência. A descrição detalhada dos achados em cada uma das estruturas escavadas durante a temporada de 1921-1922 (PEET & WOOLLEY, 1923, p. 70-91) mostra que artefatos relacionados à fiação e à tecelagem são os mais frequentemente encontrados neste primeiro cômodo, sendo seguidos por bancos e mesas de pedra e por objetos relacionados à produção de alimentos. Em algumas casas foram encontrados também fornos, alguns dos quais estavam relacionados à produção de cerâmica e outros ao cozimento de alimentos.

Lynn Meskell, ao analisar as casas da vila de Deir el-Medina, que foi construída para abrigar os trabalhadores responsáveis pela construção das tumbas do Vale dos Reis, atribui à sala da frente um uso feminino (MESKELL, 1998, p. 219). A autora se baseia, no entanto, em observações realizadas em comunidades atuais que habitam a região do Vale do Nilo e que não têm ligação com as antigas comunidades egípcias. Os vestígios arqueológicos também não podem ser associados a um gênero exclusivo, já que, como pondera Penelope Allison (2006), a tecelagem poderia ser uma atividade realizada tanto por homens quanto por mulheres. Os elementos de características semifixas mostram, porém, que a fiação, a tecelagem e a produção de alimentos eram possivelmente as principais atividades desenvolvidas no primeiro ambiente das residências da Vila dos Trabalhadores durante o dia. Durante a noite, no caso de famílias maiores, esteiras poderiam ser estendidas no chão e usadas como camas pelos membros da família que não descansavam no único quarto da casa.

O segundo ambiente da casa – a sala de recepção ou *mandarah* – tem como principal peça de mobiliário uma espécie de divã, que pode ocupar o espaço de uma ou duas paredes. Trata-se simplesmente de uma elevação do piso em locais específicos, mas que levou pesquisadores como Lynn Meskell (1998, p. 219) a atribuir a tal ambiente um uso essencialmente masculino, baseando-se em casas atuais na região do Egito. No caso da Vila dos Trabalhadores, os artefatos mais comumente relacionados ao ambiente são vasos de armazenamento, fragmentos de cerâmica e de cestos confeccionados com fibras vegetais, o que leva a crer que seu principal uso estava associado à alimentação e ao descanso dos moradores.

Neste ambiente foram encontradas, em muitas das casas, paredes decoradas e fragmentos de pinturas murais. Associados aos fragmentos de estelas e aos diversos amuletos localizados pelos escavadores, tais elementos podem informar sobre outras atividades, de cunho mágico ou religioso, que eram desenvolvidas no cômodo. Se voltarmos nossa visão para a Cidade Principal, vemos que há espaços nas casas dos nobres que estavam associados ao culto à família real, já que apenas por meio dela se chegava ao Aton. Nas casas da vila, então, o culto talvez também fosse realizado, e se isso acontecia era justamente neste segundo cômodo.

Alexander Badawy (1968, p. 113) afirma que o eixo longitudinal no sentido leste-oeste das casas da Vila dos Trabalhadores permitia que o sol da manhã iluminasse os cômodos mais ao fundo (cozinha e quarto) e os últimos raios do sol atingissem as salas da frente. Assim, podemos inferir que o culto à família real, se realizado na segunda sala da casa, acontecia no final da tarde, quando os raios do sol, associados ao Aton, atingiam tal cômodo. Não se pode excluir a hipótese, também, de que tal atividade tivesse lugar na sala da frente, na qual também foram localizados vários amuletos (PEET & WOOLLEY, 1923, p. 70-91).

Assim como acontecia com a sala da frente, a *mandarah* também poderia se transformar em um dormitório durante a noite. Esteiras poderiam, nesse caso, ser

estendidas sobre o divã e também no chão, acomodando membros da família desprovidos de um quarto propriamente dito.

O próximo cômodo a ser analisado é o quarto. Conforme pudemos observar em pesquisa anterior para a cidade de Lahun (COELHO, 2009), este é o local onde os proprietários da residência guardavam seus bens de maior valor. Em Lahun muitas caixas e espelhos, entre outros artefatos relacionados diretamente ao ofício do dono da casa, foram localizados nos quartos. Para o caso da Vila de el-Amarna os elementos mais frequentes são objetos de joalheria, aqueles relacionados aos cuidados pessoais, como os pentes de madeira, caixas onde possivelmente eram guardadas as roupas da família, e amuletos (PEET & WOOLLEY, 1923, p. 70-91).

O quarto é geralmente caracterizado por uma elevação em um dos lados, sobre a qual ficava uma cama de madeira. Além dela, o mobiliário é formado por bancos e pequenas mesas de pedra, provavelmente para uso do proprietário. Alguns artefatos relacionados à fiação e à tecelagem foram localizados nos quartos de algumas casas, o que sugere que em algumas ocasiões tal atividade também era desenvolvida em seu interior. Seu uso principal, no entanto, era mesmo associado ao descanso do proprietário da residência.

A cozinha, quando localizada no cômodo a ela destinado, é o único ambiente de uma casa que tem uso exclusivo. Geralmente contendo um forno e espaços destinados ao armazenamento de alimentos, seu principal uso está associado à produção e cozimento de alimentos. Em algumas casas da Vila dos Trabalhadores o espaço destinado à cozinha foi ocupado por uma escada, que leva a um terraço no qual atividades domésticas também são realizadas.

O espaço do terraço, o último de nossa análise, pode ter diferentes funções nas diversas horas do dia e mesmo no decorrer dos meses do ano. Nos meses mais quentes, por exemplo, os habitantes da casa poderiam dormir sobre o telhado, sendo este um lugar mais agradável nos dias mais abafados. A tecelagem, a fiação, a produção de cerâmica e

de alimentos também poderiam, segundo nos mostra a Arqueologia, ser atividades desenvolvidas no terraço (PEET & WOOLLEY, 1923, p. 70-91). Este era também um lugar bastante apropriado para algumas brincadeiras infantis e mesmo para ensinar às crianças as atividades que teriam que desenvolver quando adultas.

Assim, a distribuição dos ambientes de uma casa, que caracterizam os elementos fixos, bem como os objetos encontrados em cada um dos cômodos – os elementos de características semifixas, podem nos dar pistas sobre a vida diária das pessoas que habitavam estas residências. O fato de termos um cômodo multifuncional – a sala da frente – no qual foram localizados artefatos relacionados à fiação e à tecelagem, como agulhas e peças de teares, e um ambiente com mobiliário formado por mesas e bancos – a *mandarah* –, mostra que havia locais de convivência nas casas e dentro da vila, apesar do espaço externo ser bastante exíguo. Toda a área do entorno – especialmente as capelas de tumbas –, no entanto, também constituíam lugares para a convivência diária, fazendo, assim, parte do cotidiano dos construtores das tumbas de Akhetaton.

Considerações Finais

Ao longo das escavações realizadas em 1921 Peet levantou três hipóteses com relação ao propósito de construção da vila. A primeira suposição de Peet (1921, p. 178) foi de que a vila não fora construída com propósitos militares, pois não ocupava uma posição estratégica. Ficava localizada em uma região mais baixa em relação ao entorno, e por isso não era um bom lugar para observar e garantir a segurança da cidade principal. Elementos de características semifixas associados ao trabalho militar também não aparecem associados aos ambientes de maneira determinante. Sua segunda hipótese foi de que a vila poderia ter sido habitada por trabalhadores relacionados à construção das tumbas dos nobres, mas seria difícil, neste caso, segundo Peet (1921, p. 178), explicar os muros – no que Woolley (1922, p. 49) não concorda, pois, para ele, os muros serviriam para “manter a distância e sob disciplina” os homens relacionados à construção e decoração das tumbas.

Como última hipótese, Peet diz que a vila poderia ter sido o último refúgio dos seguidores de Aton, após a restauração da religião de Amon (PEET, 1921, p. 178).

Pesquisas realizadas pela equipe de Barry Kemp na década de 1980, no entanto, mostraram que a vila foi ocupada tardiamente, e que as Tumbas do Sul, por exemplo, não poderiam ter sido construídas por estes possíveis habitantes, se levarmos em conta os objetos resgatados nas casas (KEMP, 1987, p. 42). Peet (1921, p. 178) e Woolley (1922, p. 60) já afirmavam que a ocupação fora tardia, pois nenhum selo ou escaravelho com o nome de Akhenaton foi encontrado na vila: aqueles encontrados contêm os nomes de seus sucessores, especialmente de Tutankhamon. Então, conforme aponta Peet, a vila poderia ter sido construída depois da morte do primeiro.

Alguns artefatos resgatados durante as escavações, como escovas e pincéis, no entanto, estão diretamente relacionados ao trabalho nas tumbas. Levando em consideração que a maioria das tumbas escavadas e retratadas por Davis estavam inacabadas ou nunca foram ocupadas, a hipótese de que a vila tenha sido habitada por construtores e decoradores de tumbas não pode ser descartada.

Outra hipótese que merece ser discutida diz respeito a ser a vila um local de habitação de uma guarda policial relacionada à proteção da cidade. Pesquisas realizadas pela equipe de Kemp mostraram que a parte menor da vila, a oeste, é mais recente que a maior, tal como já afirmara Woolley (1922, p. 60). Segundo Kemp (1987, p. 28) nesta parte da vila moravam pessoas de pior condição social quando comparada àquela dos moradores do leste, o que leva, então, à possibilidade de que esta parte da vila era ocupada por uma força policial.

Sem documentos escritos que comprovem sua real função, no entanto, não podemos sair do campo das hipóteses quando nos referimos a quem eram realmente os habitantes da Vila Murada, e nem mesmo a quantas pessoas viviam nela. As casas e os objetos recuperados pela Arqueologia, porém, nos ajudam a transformar o “espaço” Vila dos Trabalhadores em um “lugar” – conforme aponta Richard Sennet (1994) – onde se

desenvolviam relações sociais e de vizinhança que, de certa maneira, podemos reconstituir por meio da Arqueologia, e para isso o entendimento dos diferentes elementos de características fixas e semifixas que formam a vila, bem como de seu entorno, é essencial. A simples descrição dos espaços, neste caso, não foi suficiente para que nossos objetivos fossem atingidos.

Referências Bibliográficas

- ALLISON, Penelope M. Engendering Roman Spaces. *In*: ROBERTSON, Elizabeth C. *et al.* (ed.) *Space and Spatial Analysis in Archaeology*. Calgary: University of Calgary Press, 2006.
- BADAWY, Alexander. *A History of Egyptian Architecture*. The Empire (the New Kingdom) from the Eighteenth Dynasty to the End of the Twentieth Dynasty – 1580-1085 B.C. Berkeley: University of California Press, 1968.
- BAINES, John & MÁLEK, Jaromir. *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*. Madri: Ediciones del Prado, 1996. v.1.
- COELHO, Liliane C. *Vida pública e vida privada no Egito do Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.)*, Niterói, 2009, 278 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- KEMP, B. J. The Amarna Workmen's Village in Retrospect. *The Journal of Egyptian Archaeology*, London: The Egypt Exploration Society, v. 73. p. 21-50, 1987.
- MESKELL, Lynn. An Archaeology of Social Relations in an Egyptian Village. *Journal of Archaeological Method and Theory*. New York: Springer, v. 5, n. 3. p. 209-243, sep. 1998.
- MURNANE, William J. & VAN SIECLEN III, C. C. *The Boundary Stelae of Akhenaten*. London: Kegan Paul International, 1993.
- PEET, T. E. Excavations at Tell el-Amarna: A Preliminary Report. *The Journal of Egyptian Archaeology*, London: The Egypt Exploration Society, v. 7, n. 3/4. p. 169-185, oct. 1921.

PEET, T. E. & WOOLLEY, C. L. *The City of Akhenaten I. Excavations of 1921-22 at el-Amarnah*. London: The Egypt Exploration Society, 1923.

PETRIE, William Matthew Flinders. *Tell el Amarna*. London: Methuen & Co., 1894.

RAPOPORT, Amos. *Cultura, arquitetura y diseño*. Barcelona: Ediciones de la Universitat Politècnica de Catalunya, 2003.

RAPOPORT, Amos. *The meaning of the built environment. A nonverbal communication approach*. Tucson: The University of Arizona Press, 1990 [1982].

SENNET, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

VANDIER d'ABBADIE, Mme Jeanne. *Deux tombes de Deir el-Médineh*. Le Caire: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1939.

WOOLLEY, C. L. Excavations at Tell el-Amarna. *The Journal of Egyptian Archaeology*, London: The Egypt Exploration Society, v. 8, n. 1/2. p. 48-82, apr. 1922.